

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO FORMAS DE EXPRESSÃO	CÓDIGO DA FICHA					
	ES	01	01	14	F40	02
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Espírito Santo
LOCALIDADE	Norte
MUNICÍPIO / UF	Conceição da Barra / ES

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Jongo de Santa Bárbara
OUTRAS DENOMINAÇÕES	-
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. EXECUTANTEOBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O(A) ENTREVISTADO(A) VER *ANEXO 4: CONTATOS*.

NOME	Gessi Cassiano Américo	☐ MASCULINO ☒ FEMININO
OCUPAÇÃO	Presidente da Associação de Mulheres do Linharinho	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO 1959
RELAÇÃO COM O BEM	☒ MESTRE ☐ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ☒ EXECUTANTE ☐ OUTRO _____	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	ES	01	01	14	F40	02
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

NOME	Elda Maria dos Santos		☐ MASCULINO	
			☒ FEMININO	
OCUPAÇÃO	Lavradora	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	1960	
RELAÇÃO COM O BEM	☐ MESTRE ☐ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ☒ EXECUTANTE ☐ OUTRO _____			

OBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O(A) ENTREVISTADO(A) VER **ANEXO 4: CONTATOS**.

4. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.



Dona Miúda, Jongo de Santa Bárbara, Comunidade Quilombola Linharinho, Conceição da Barra - ES.
Foto: Guilherme Reis, 17/01/2014.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES 01 01 14 F40 02**

Vista dos eucaliptos presentes na Comunidade Quilombola Linharinho, Conceição da Barra - ES.
Foto: Guilherme Reis, 17/01/2014.



Edificações na Comunidade Quilombola Linharinho, Conceição da Barra - ES.
Foto: Bianca Pataro, 17/01/2014.



Tambor usado pelo Jongo de Santa Bárbara e detalhe do couro. Comunidade Quilombola Linharinho, Conceição da Barra - ES.
Foto: Guilherme Reis, 18/01/2014.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES 01 01 14 F40 02****Vista externa da Casa do Santo. Comunidade Quilombola Linharinho, Conceição da Barra - ES.**

Foto: Guilherme Reis, 18/01/2014.

5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

O Jongo é uma forma de expressão musical e coreográfica, registrada como patrimônio imaterial brasileiro em 2007. O Jongo de Santa Bárbara trata-se de um grupo que realiza a execução da forma de expressão e tem sua origem na Comunidade Quilombola Linharinho, zona rural de Conceição da Barra. O grupo tem organização recente, datando de 2012, após a realização de uma oficina de dança afro conduzida na comunidade por Jefferson Gonçalves Correia, na época assessor de Patrimônio Cultural Imaterial da Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo – Secult. Com isto, a oficina propiciou a formação do grupo, resgatando uma antiga prática existente na comunidade, mas que era desenvolvida de forma mais livre, com a reunião espontânea de moradores locais, sem que existisse um grupo constituído.

A partir dessa oficina, Dona Miúda e Dona Gessi, primas e líderes comunitárias, mobilizaram jovens da comunidade, da própria família, para formarem o grupo. Os percussionistas também são jovens moradores locais, que aprenderam o ofício com tamborzeiros do município que foram convidados para ajudar na formação do grupo, visto que os antigos tamborzeiros da comunidade ou faleceram, ou não quiseram se envolver na retomada da forma de expressão por variados motivos. Assim, o grupo constitui-se predominantemente juvenil, contando com 26 adolescentes e jovens, com idades entre 13 e 20 anos. São usados dois tambores e dois reco-recos, sendo que utilizam essas denominações para os instrumentos. Dona Gessi Cassiano é a líder do grupo, atuando como cabeceira, conduzindo os demais na dança e no canto.

Foram confeccionadas, com recursos da comunidade, saias longas floridas para as meninas. Todos os integrantes do Jongo de Santa Bárbara usam camisetas de malha branca, com a inscrição do projeto "Assuntando o Corpo de Baile", desenvolvido na comunidade pela Secult-ES e do qual derivou a fundação desse grupo. Os meninos usam calças ou bermudas, sem definição de cor. A nomenclatura do grupo foi atribuída em referência à padroeira da comunidade, sendo que ali existe uma capela dedicada à santa e, no passado, existiu uma Mesa de Santa Bárbara, prática ligada ao culto da cabula, religião de matriz africana (possivelmente bantu) que precedeu a umbanda (organizada nas décadas de 1920 e 1930) e era praticada às escondidas, por grupos bastante restritos, com o chefe chamado de embanda. Suas apresentações ocorrem em festejos da comunidade e em eventos para os quais recebe convites.

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE**6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS**

Não existe espaço específico para as apresentações do Jongo de Santa Bárbara, podendo ocorrer em diversificados ambientes, abertos ou fechados. Os ensaios costumam ocorrer em terreiros da Comunidade Linharinho, amplos espaços de terra batida em frente às residências. As apresentações na comunidade acontecem, como frequência regular, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Linhares, mas não foram obtidas mais informações sobre essa

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES 01 01 14 F40 02**

instituição de ensino. No que se refere à Comunidade Quilombola Linharinho, trata-se de povoação rural, originada no fim da escravatura com o assentamento de negros libertos e foi a primeira a ser reconhecida como quilombola no Estado do Espírito Santo, no ano de 2007. Originalmente, essas terras pertenciam à família Cunha, sendo ali estabelecida a Fazenda do Engenho, de Rita Cunha. O avô de Dona Gessi e Dona Miúda recebeu de um filho dessa latifundiária a doação das terras em que se estabeleceram. No passado, a produção agrícola do local constava de lavouras de café, mandioca, cana-de-açúcar e outros gêneros cultivados pelas famílias. Contudo, o Estado atribuiu a posse de parte dessas terras à empresa Aracruz Celulose, a partir de 1967. Com o tempo, a Aracruz foi adquirindo dos moradores, por preços baixos, outros terrenos, chegando a ocupar cerca de 85% dos 9,5 mil hectares originais da comunidade. Com isto, os moradores de Linharinho tiveram sua área bastante reduzida, com os eucaliptais ocupando terrenos em que, antigamente, eram plantadas as lavouras. A paisagem local foi altamente modificada e as árvores de eucalipto caracterizam a cobertura vegetal atual. De acordo com a descrição presente no Sistema de Informações de Comunidades Remanescentes de Quilombos, do Laboratório de Pesquisas em Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento (UFRJ / UFF):

A comunidade de Linharinho contesta a ocupação pela empresa Aracruz Celulose de grande parte de seu território, atualmente já reconhecido pelo INCRA. Os conflitos envolvendo a empresa transnacional não se resumem apenas ao crescente impacto na vida da comunidade da atividade de monocultivo de eucalipto em largas extensões da região, mas também à irregular ocupação e exploração de seu território. Tal ocupação vem suscitando inúmeros conflitos, entre eles o que no dia 29 de julho de 2006 reuniu a comunidade de Linharinho e associações com o intuito de retomar 30 hectares de terras onde existia um antigo cemitério de negros. Esse ato marcou o início da retomada dos 50 mil hectares de terras quilombolas que a Aracruz Celulose ocupa e explora desde a década de 60.¹

A Comunidade Quilombola Linharinho ocupa as margens direita e esquerda do Rio São Domingos, dividindo-se nas localidades de Morro e Engenho, com número atual de 36 famílias, reunindo 142 pessoas. As famílias vivem em edificações próprias, erguidas com certa proximidade umas das outras, contando com iluminação pública, escola e transporte coletivo, que pode ser acessado na estrada em direção ao distrito de Itaúnas. O atendimento médico é realizado no posto de saúde de Itaúnas. Não existe água tratada e rede de esgoto na comunidade. Atualmente, a principal atividade econômica é a agricultura familiar de pequeno porte, voltada à subsistência. O programa Bolsa Família possibilitou o aumento da renda das famílias locais e alguns moradores trabalham para a Fibria, empresa que substituiu a Aracruz Celulose a partir de 2010.

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

O principal marco natural da Comunidade Quilombola Linharinho é o Rio São Domingos, também chamado de Córrego, afluente da bacia do Rio São Mateus, com a povoação espalhando-se em suas margens direita e esquerda. Esse curso d'água é a principal fonte de abastecimento de água da comunidade e referenciado pelos moradores para caracterizar e delimitar a área. Conforme o documento de auto-atribuição quilombola da comunidade pela Fundação Palmares, de 2007, citado por Romano (2008, p.39):

A comunidade do Linharinho **situada no Rio São Domingos**, no município de Conceição da Barra, Estado do Espírito Santo, com fulcro no artigo 68 do Ato das disposições Constitucionais Transitórias, no Decreto n.º 4887 de 20 de novembro de 2003, e nos artigos 215 e 216 da Constituição federal de 1988, se auto-define como Remanescente das Comunidades de Quilombos, pede e requer seu registro no livro de cadastro geral, a expedição de competente certificado, bem como, envio do processo ao INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária -, para os procedimentos de demarcação, titulação e registro em cartório das terras ocupadas. (grifo nosso).

Os moradores narram que o rio era caudaloso e com as plantações de eucalipto tornou-se raso, com pouca água. A pesca ainda é realizada, sobretudo na época das chuvas. Porém, alguns quilombolas relatam que foram impedidos de realizar a pesca no rio pela empresa de segurança da Fibria, antiga Aracruz Celulose. A lavagem da roupa nas águas do rio também costuma ser realizada, mas com menos frequência do que no passado, visto que muitas famílias contam com máquinas de lavar em casa.

6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

O Jongo não requer agenciamento complexo dos espaços para sua recriação. Basta que os componentes posicionem-se em local plano, com as mulheres formando uma roda à frente dos percussionistas que, no Jongo de Santa Bárbara,

¹ Disponível em: http://laced.etc.br/site/sistema_quilombo/comunidade.php?idQuilombo=10 Acesso em 23/09/2014.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES 01 01 14 F40 02**

posicionam os tambores deitados no chão e sentam-se sobre os instrumentos e os tocadores dos reco-reco ficam em pé, próximos aos tamborzeiros.

7. TEMPO**7.1. PERIODICIDADE**

Não existe época específica para execução da forma de expressão pelo Jongo de Santa Bárbara, podendo ocorrer durante o ano todo.

7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 1990

1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

8. BIOGRAFIA

Dona Miúda, como é conhecida a lavradora Elda Maria dos Santos, nasceu em 1960 na Comunidade Quilombola de Linharinho, filha de João Cosme José dos Santos e Gertrudes Maria da Conceição. De acordo com Dona Miúda, ela possui duas descendências: pela linhagem familiar paterna, ela diz descender de tapuios (designação usada por ela para se referir aos índios); pela família materna, de negros, em suas palavras, "*povo dos Nagores*". Ao narrar sobre a história de sua família, Dona Miúda salientou que seus antepassados fundaram a Comunidade Linharinho que, em 2007, foi reconhecida como quilombola. Após a abolição da escravidão, seus ancestrais assentaram-se nessa localidade às margens do Rio São Domingos, plantando lavouras de mandioca, café, cana-de-açúcar, entre outros gêneros para subsistência. Essas terras foram doadas por um descendente de Rita Cunha, no início do século XX, ao seu avô, Joaquim Felipe da Vitória ou Joaquim Santana, que era filho de Rosalina, escrava que pertenceu a latifundiária e dona da Fazenda do Engenho, que ali existiu.

A prática religiosa da cabula marca a história da comunidade e, especialmente, de Dona Miúda. A executante do Jongo contou que sua avó possuía um Assento de Santa Bárbara e que na comunidade havia, ainda, uma Mesa de Santa Maria, cujos rituais eram praticados por alguns de seus tios no meio da mata. O ritual da cabula foi assim descrito por Moura (2004, p.75-76), no Dicionário da Escravidão Negra no Brasil, citando Dom João Corrêa Nery, que estudou a prática no Espírito Santo no final do século XIX.

Encontramos três freguesias minadas por uma seita misteriosa, que nos parece de origem africana. Nossa desconfiança mais se acentuou, quando nos asseveraram que antes da libertação dos escravos tais cerimônias só se praticavam entre os pretos e mui reservadamente. Depois da lei de 13 de maio, porém, generalizou-se a seita, tendo chegado entre as freguesias a haver mais de oito mil pessoas iniciadas. [...] a reunião dos cabulistas tem o nome de mesa. Há duas mesas capitulares: a de Santa Bárbara e a de Santa Maria, subdividindo-se em muitas outras com as mesmas denominações. [...] O chefe de cada uma das mesas tem o nome de embanda, e é secundado por outro que se chama cambone. [...] As reuniões são secretas, ora em uma determinada casa, mas comumente nas florestas à alta noite.

A Mesa de Santa Bárbara (lansã) era liderada por sua avó, Aurora Diolinda da Conceição, que deu continuidade ao culto celebrado por seu pai, bisavô de Dona Miúda, Joaquim Santana. Em 1905, sua avó tirou a licença para realizar os rituais do Assento de Santa Bárbara, seguindo a legislação da época que instituía a necessidade de permissão policial para o desempenho de cultos africanos, determinação que perdurou até 1954. (OLIVEIRA, 2011, p. 163).

Mas, de acordo com ela, existia "*outra Santa Bárbara, que hoje se encontra na igreja*", tratando-se de uma imagem da santa que era "*da reza dos branco*". Ela reforçou que sua família sempre distinguia as práticas religiosas entre rezas "*dos brancos, dos negros, tinha reza dos brancos e as rezas dos negros*". As rezas dos brancos eram "*as missas que o padre vinha*", ficando a imagem da santa na casa de um parente seu chamado Alvegildo. Depois, em passado remoto, seus pais e tios ergueram uma capelinha de barro para celebrarem os rituais católicos. Por volta da década de 1970, passaram a celebrar no grupo escolar da comunidade, com os padres combatendo os cultos de origem africana. Contudo, a cabula não deixou de ser praticada às escondidas, visto que, segundo ela, bem antes de erigirem essa capela primitiva, o povo negro freqüentava a Mesa ou Assento de Santa Bárbara. Recorrendo a sua narrativa,

Nesses momentos em eles faziam... não faziam sempre... a ladainha africana, mas quando eles estavam

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES 01 01 14 F40 02**

fazendo seus rituais, o ritual que é nosso, que hoje é difícil a gente ver mais aqui, qualquer momento quando os nagores saiam do corpo das pessoas mais velhas para descansar, eles [os mais velhos] faziam rodada de Jongo, qualquer momento eles faziam rodadas de Jongo [...] tinha baile, tinha tudo, mas era mais rodada de Jongo na Mesa de Santa Bárbara.²

Com o falecimento de Aurora Diolinda da Conceição e, posteriormente, com a deterioração do cômodo de estuque em que ficava o Assento no terreiro de sua avó, Dona Miúda e sua prima, Gessi Cassiano, levaram os objetos ritualísticos da Mesa de Santa Bárbara para dentro da casa de Domingas Conceição, filha de Aurora Diolinda e mãe de Gessi Cassiano, isso por volta de 2010. Contudo, Dona Gessi disse que se sentia mal com os objetos dentro de casa, devido a energia espiritual neles presente. Assim, foi erguido um cômodo no quintal da residência e a Mesa foi transferida para esse local. Lá estão guardadas pedras de corisco e outros atributos cerimoniais. As pedras resultam de relâmpagos quando atingem o solo e são lavadas em ritual próprio, quando as guardiãs, Dona Miúda e Gessi Cassiano, consideram necessário. De acordo com Gessi Cassiano, elas não atuam no Assento, apenas conservam os objetos rituais de sua avó. Mas, observou-se no local azeite de dendê sobre as pedras e vasilhas com canjica para o santo, indicando que práticas cerimoniais ainda são realizadas ali. Inclusive, as descendentes de Aurora Diolinda e seus familiares professam a religião católica e participam ativamente da Capela de Santa Bárbara existente na comunidade.

Percebe-se que a forma de expressão fazia parte das cerimônias da Mesa de Santa Bárbara, sendo realizada em momentos de lazer, enquanto os médiuns descansavam, ou, ainda, em variadas ocasiões coletivas, quando os moradores da comunidade faziam as rodas no terreiro como um divertimento. Assim, o Jongo na Comunidade Linharinho liga-se profundamente ao universo da religiosidade de matriz africana. Contudo, a forma de expressão arrefeceu-se na localidade, com a morte dos moradores mais antigos que guardavam os saberes da cabula e do Jongo e, ainda, com o fortalecimento de religiões evangélicas no município, quadro observado em todo o país, o que afastou muitos moradores locais de práticas culturais como as danças ao som de tambores. Conforme Dona Miúda:

Naquele momento [depois dos rituais da cabula] eles iam e jogava. E aquilo quando acabou, acabou tudo, por que foram morrendo, né? Não existia mais rodada de Jongo dentro da comunidade, mas qualquer um chegava fazia. [...] E era tudo batido com tambores. Não era com caixa, nem nada. Eles já tinham tambores no Assento [de Santa Bárbara], eles já tinham aquele tambor que eles batiam. Tambor feito que era de pau de tambor. Já tinha um pau na mata que eles tirava e corava com couro de boi para dar o som. E depois nós ficamos com esse negócio na cabeça. Então tem uma meninas novas, minhas sobrinhas, que a gente tinha esse negócio de dança, de nagores. [...] A gente fazia aquelas rodas, cantando: Bate no tambor, nagô, bate no tambor que eu quero brincar, sou baluauê, das ondas do mar! E tudo dançando essa coisa. E a qualquer momento a gente fazia essas rodas, com o tambor.

Gessi Cassiano, prima de Dona Miúda, nascida na Comunidade Linharinho em 1959, também mencionou que desde criança conhecia o Jongo, como segue.

[...] desde o tempo da minha avó [Aurora Diolinda da Conceição] eu já conheci o Jongo, desde o tempo da minha avó. Ela brincava na mesa de Santa Bárbara e quando terminava, quando eles ficavam cansados e dava aquele intervalo, aí fazia a roda de Jongo, que aí entrava os jovens, que era eu, era Miúda, era comadre [Valquinha], era Benedita, era Geni, era Beatriz., era Vanda, era uma turma de nós da comunidade, de jovens. [...] eu vi dentro da comunidade a necessidade da gente tá mostrando para os jovens como que era a nossa cultura dentro da comunidade. [...] conversando com o Jefferson [da Secult] aí teve um projeto, que eu me esqueço o nome, lá em Vitória. Aí Jefferson conversou com Cida [líder comunitária de Linharinho], aí Cida veio passou pra mim. Aí eu falei assim: Eu animo de juntar os jovens e passar pra eles um pouco do que eu sei. Porque eu gosto de labutar com os jovens. [...] Aí a gente começou a ensaiar, como não tinha bater de tambor dentro da comunidade... que tem, só que eles tem um pouco de vergonha por conta da discriminação, porque a gente já foi muito discriminado [...].³

O retorno do Jongo, com a formação de um grupo, ocorreu a partir do ano de 2012. Nessa época, a Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo - Secult promoveu oficinas de dança afro em comunidades quilombolas do Estado, no âmbito do projeto piloto "Assuntando o Corpo de Baile". O projeto propiciou residências artísticas entre bailarinos, que iam até as comunidades, e mestres de bailados das comunidades de Linharinho, em Conceição da Barra, e de São Cristóvão, em São Mateus, que deram oficinas na UFES. De acordo com reportagem sobre o projeto no Caderno D, revista de cultura do Diário Oficial do Estado do Espírito Santo, de dezembro de 2012, entre os objetivos das oficinas estava a valorização das comunidades quilombolas *"não esquecendo suas tradições e raízes, mas potencializando-as e enriquecendo-as com outras linguagens artísticas"*. (ESPÍRITO SANTO, 2012, p.03).

A oficina de dança afro foi organizada na comunidade por Jefferson Gonçalves Correia, na época assessor de Patrimônio Cultural Imaterial da Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo - Secult. A partir da oficina o grupo foi organizado, resgatando uma antiga prática existente na comunidade, mas que era desenvolvida de forma mais livre,

² A narrativa de Dona Miúda está registrada em V-Jongo_Entrevista-Dona Miúda_Reis, Guilherme_Conceição_da_Barra-ES_17-01-2014_61m15s

³ A narrativa de Gessi Cassiano está registrada em V-Jongo_Entrevista-Dona Gessi_Reis, Guilherme_Conceição_da_Barra-ES_18-01-2014_34m17s

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES 01 01 14 F40 02**

com a reunião espontânea de moradores locais, sem que existisse um grupo constituído. Com a mobilização da Secult, Dona Miúda e Dona Gessi ficaram entusiasmadas em reunir moças da localidade para formarem o grupo, incluindo sobrinhas e filhas de primas delas, visto que o filho de Dona Miúda não se interessou e os filhos de Gessi são mais velhos e também não se envolveram com o Jongo. A um rapaz da localidade, chamado Elivelton, foi transmitido o ofício da percussão dos tambores por Anízio, tamborzeiro do município que trabalhava nas escolas da rede municipal de educação de Conceição da Barra em projetos de cultura popular da Secretaria Municipal de Educação. Anízio foi convidado por Gessi Cassiano para ajudar na formação do Jongo de Santa Bárbara e foi o responsável pelo ensino da percussão.

De acordo com Dona Miúda, não existia essa organização de grupo no passado: *"Não tinha o grupo de Jongo, porque eles só faziam... eles faziam rodada de Jongo. Eles falavam: Vamos fazer uma rodada de Jongo? Todo mundo aqui falava rodada de Jongo. E ali fazia aquela roda, os homens tocando tambor. E os homens mesmo que batiam tambor na hora da devoção de Santa Bárbara, eles mesmos batiam tambor na hora do Jongo"*. Pelo que se nota, a prática do Jongo era realizada pelos moradores locais em seus encontros para os rituais da cabula ou em momentos de diversão comunitária. Contudo, na atualidade, a forma de expressão ganhou novos contornos, mantendo-se ativa na Comunidade Linharinho a partir do Jongo de Santa Bárbara. Assim como destacou Gessi Cassiano, o grupo pode ser novo, mas representa a continuidade desse aspecto da cultura local que estava enfraquecido.

9. ATIVIDADE**9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES**

As origens do Jongo na comunidade foram relatadas como associadas aos rituais da cabula e aos divertimentos da comunidade. Sua realização, de acordo com Dona Miúda, foi herdada dos escravos que se distraíam fazendo as rodas de Jongo e, ainda, usavam os versos cifrados para se comunicarem sem que os senhores ou os capitães do mato entendesse o que diziam. No mesmo sentido, Gessi Cassiano falou que *"pra eles [senhores] era uma dança de roda, uma brincadeira de mulher. Mas não era, era um aviso que tava dando [...]"*. A mesma entrevistada ressaltou que as práticas culturais da comunidade vieram dos antepassados, fazendo a ligação entre os costumes de sua família, incluindo o toque de tambores, com a descendência africana: *"quando vieram da África, já trouxe alguma coisa. Eu falo pra Miúda, que quando eles vieram.... se a gente atua tambor ou faz alguma coisa, é porque eles trouxeram de algum lugar. Eu queria saber da onde a gente veio, a localidade. Da África de que lado? Do Sul, do Norte, do Nordeste? De que lado a gente é da África?"*.

Na atualidade, conforme as narrativas de Dona Miúda e Gessi Cassiano, o Jongo é praticado em Linharinho como resgate da cultura ancestral. Na fala de Gessi Cassiano, *"hoje serve de uma brincadeira e serve, até mesmo, para alertar os jovens dentro da comunidade como era sacrificado, mais o negro"*. A principal modificação refere-se, sobretudo, ao fato de que o Jongo, como era praticado pelos antepassados, até mesmo na infância das moradoras entrevistadas, não apresentava a estrutura atual, com uma unidade executora definida e o uso de vestimentas específicas, por exemplo. As rodas de Jongo eram realizadas livremente entre os habitantes da comunidade em momentos de lazer, sem o preparo atual que envolve ensaios, confecção de roupas, convites para apresentações, entre outros elementos.

9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

A principal narrativa ligada ao Jongo na Comunidade Quilombola Linharinho liga-se aos rituais da cabula praticados pelos antepassados de Dona Miúda e Gessi Cassiano. Elas contaram que as rodas de Jongo eram realizadas nos intervalos dos rituais, quando todos estavam cansados e aqueles que incorporavam os nagores tinham um momento de repouso, com as entidades deixando-os por um tempo. Assim, os homens que executavam os tambores na Mesa de Santa Bárbara faziam o toque do Jongo para que todos dançassem, visto a distinção entre a percussão usada nas cerimônias, de acordo com as entrevistadas, e o toque para a dança do Jongo. No que se refere às representações do Jongo no contexto atual, observa-se que foi atribuída à forma de expressão o significado de herança cultural dos antepassados e símbolo identitário da população de Linharinho, como representante da cultura negra, em geral, e da cultura da comunidade, em particular.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES****01****01****14****F40****02****9.3. CRONOLOGIA**

DATA	DESCRIÇÃO
Início do século XX	Doações das terras de Linharinho à Joaquim Felipe da Vitória por um descendente de Rita Cunha, latifundiária do Norte do Espírito Santo.
1905	Registro da licença de funcionamento da Mesa de Santa Bárbara na Comunidade Linharinho.
1959	Nascimento de Gessi Cassiano.
1960	Nascimento de Elda Maria (Dona Miúda).
1967	Instalação da Aracruz Celulose nas terras de Linharinho.
2006	Retomada simbólica do cemitério dos negros, coberto pelos eucaliptais da Aracruz Celulose por moradores de Linharinho, que foram expulsos do local por policiais.
2007	Titulação da Comunidade Linharinho como Quilombola.
2012	Realização de oficinas de dança afro na comunidade e fundação do Jongo de Santa Bárbara.
2014	Conclusão do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) da Comunidade Quilombola Linharinho pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra).

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS**10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS**

O principal produto do Jongo de Santa Bárbara é a apresentação, a recriação da forma de expressão pelos componentes do grupo. As execuções do Jongo ocorrem em momentos festivos da comunidade, tanto religiosos, como na Festa de Santa Bárbara, em 04 de dezembro, celebrada com missa na capela existente na localidade. Além disso, o grupo é convidado para outros festejos religiosos realizados no município, Festa de São Benedito e São Sebastião, em Itaúnas, no mês de janeiro, sendo que em 2014 não pôde comparecer a essa festa devido à falta de muitas meninas do grupo que estavam viajando de férias. O Jongo de Santa Bárbara realiza apresentações, ainda, em atividades culturais na escola na comunidade, Escola Municipal de Ensino Fundamental Linhares, como nas feiras culturais.

Sobre o repertório musical do Jongo de Santa Bárbara, as músicas são repassadas aos jovens, principalmente, por Gessi Cassiano e Dona Miúda, que tentam lembrar os versos que sua avó e outros antepassados cantavam nas rodadas de Jongo. Como a equipe em campo não teve oportunidade de presenciar a execução da forma de expressão pelo grupo, seguem verso que Dona Miúda cantou durante a entrevista, à título de exemplo desse repertório que se mostra mais amplo, certamente.

(1)

Lê lê lê lê

A cabeceirêê

A cabeceira é uma flor

Você que é meu amor

A cabeceira é uma flor

(2)

Acorda povo

Levanta e venha ver

Que o Jongo de Santa Bárbara

Tem farofa [pra comer]

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES 01 01 14 F40 02****10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO**

ETAPA	ATIVIDADE
Ensaaios	Ao comando de Gessi Cassiano o grupo se reúne em terreiros da comunidade e realizam o ensaio das coreografias e dos cantos. Esses são os principais momentos de transmissão da forma de expressão aos mais jovens.
Apresentações	As apresentações acontecem em festas da Capela de Santa Bárbara, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Linhares, instituição de ensino da comunidade, em festas religiosas e em eventos culturais do município, como festas juninas, para os quais são convidados.

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO
Gessi Cassiano	Líder do grupo e cabeceira.
Dona Miúda	Colabora com o grupo ensinando danças e cantos.

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES

DESCRIÇÃO	
TERREIROS	Terreiros para ensaios.
QUEM PROVÊ	São usados terreiros de livre acesso aos moradores, pois são áreas comuns entre as casas.
FUNÇÃO	Espaços propícios para a realização dos ensaios.
DESCRIÇÃO	
TRANSPORTE	Transporte.
QUEM PROVÊ	A própria comunidade ou aqueles que fizeram o convite para o grupo se apresentar em outras localidades.
FUNÇÃO	Possibilitar a participação em festividades em que irão se apresentar.

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO

DESCRIÇÃO	
MATÉRIAS PRIMAS	Madeira e couro dos tambores.
QUEM PROVÊ	Os tambores usados pelo Jongo de Santa Bárbara existem há muitas décadas na comunidade, sem referência a quem os produziu.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Atribuem a sonoridade às rodas de Jongo.
DISPONIBILIDADE	Acredita-se que a madeira dos tambores foram retiradas de matas da comunidade. Assim como o couro pode ser proveniente dessa localidade. Foi relatado que quando precisam de mais instrumentos utilizam tambores mais modernos, chamados de caixas, existentes na Capela de Santa Bárbara e usados nas celebrações católicas.
DESCRIÇÃO	
FERRAMENTAS	Madeira e bambu para confecção de reco-recos.
QUEM PROVÊ	Adquiridos pelos percussionistas.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A madeira e o bambu são usados para a produção dos reco-recos, elaborados esculpindo-se pedaços de madeira, em que o bambu é fixado para a produção do som.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES 01 01 14 F40 02****DISPONIBILIDADE** Facilmente encontrados.**10.6. COMIDAS E BEBIDAS****DESCRIÇÃO** Não existem comidas e bebidas próprias à forma de expressão.**QUEM PROVÊ** -**FUNÇÃO /
SIGNIFICADO** -**10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS OU CÊNICOS.****DESCRIÇÃO** Instrumentos musicais.**QUEM PROVÊ** Pertencem ao próprio grupo e forma herdados da avó de Gessi Cassiano e Dona Miúda.**FUNÇÃO /
SIGNIFICADO** Os tambores e os reco-recos são os principais objetos musicais usados pelo grupo na execução da forma de expressão.**10.8. FIGURINOS E ADEREÇOS****DESCRIÇÃO** Saias rodadas para as mulheres e camisetas de malha para todos do grupo, com a inscrição do projeto "Assuntando o Corpo de Baile" que deu origem ao grupo.**QUEM PROVÊ** As saias foram confeccionadas com recurso dos moradores locais e as camisetas doadas pela Secult.**FUNÇÃO /
SIGNIFICADO** As saias rodadas são usadas para atribuir plasticidade aos movimentos coreográficos, sendo agitadas pelas mulheres. As blusas padronizadas identificam o grupo e indicam o projeto que deu origem à sua organização.**10.9. DANÇAS****DESCRIÇÃO** Movimentos em roda, rotação e trançados.**QUEM EXECUTA** Mulheres.**FUNÇÃO /
SIGNIFICADO** A dança é coreografia, com as mulheres dançando juntas em roda, com movimentos de rotação do próprio corpo, filas e trançado de braços.**10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES****DESCRIÇÃO** As músicas entoadas pelo grupo caracterizam-se como cantos responsoriais, com a execução dos versos e sua repetição em coro.**QUEM PROVÊ** Os versos entoados são repassados por Dona Miúda e Gessi Cassiano.**FUNÇÃO /
SIGNIFICADO** As músicas narram aspectos da escravidão e da libertação dos cativos.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES 01 01 14 F40 02****10.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS**

DESCRIÇÃO	Tambores e reco-recos.
QUEM PROVÊ	Os instrumentos foram herdados de Aurora Deolinda da Conceição e eram usados na Mesa de Santa Bárbara. Os reco-recos foram produzidos na comunidade, com a colaboração de Anízio, instrutor de tambor da Secretaria Municipal de Educação.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Os tambores e reco-recos são os instrumentos que produzem a sonoridade na execução da forma de expressão.

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO

EXECUTANTE	ATIVIDADE
Gessi Cassiano	Guarda dos instrumentos.

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

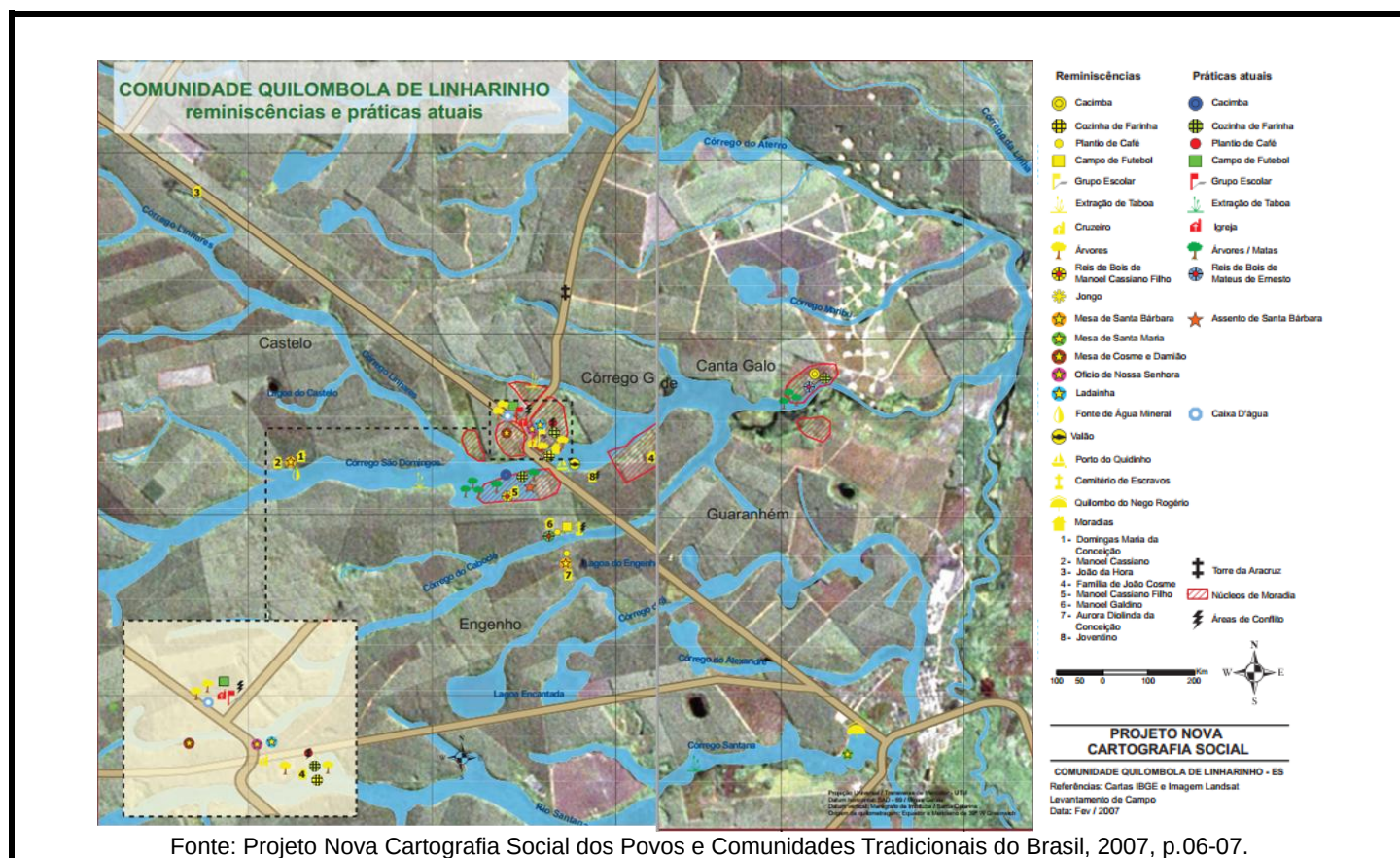
PARA USO PRÓPRIO ☐	VENDE ☐	TROCA ☐	OUTRO ☒	ESPECIFICAR	Apresentação cultural.
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM ☐	NÃO ☒	PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☐	COMPLEMENTO ☐	
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO ☐	INTERMEDIÁRIO ☐	COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☐		

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

Sem referência.

13. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Casa do Santo	Conceição da Barra - Anexo 3 - ES 01 01 14 F1 A3

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES 01 01 14 F40 02****14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS**

Fonte: Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil, 2007, p.06-07.

15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS**15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL**

Sem referência.

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

V-Jongo_Entrevista-Dona Miúda_Reis, Guilherme_Conceição_da_Barra-ES_17-01-2014_61m15s

V-Jongo_Entrevista-Dona Gessi_Reis, Guilherme_Conceição_da_Barra-ES_18-01-2014_34m17s

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

F- Jongo_Casa do Santo_Comunidade Linharinho[1]_Reis, Guilherme_Linharinho-Conceição da Barra-ES_18-01-2014

F-Jongo_Casa do Santo_Comunidade Linharinho [2]_Pataro, Bianca_Linharinho-Conceição da Barra-ES_18-01-2014

F-Jongo_Vista Comunidade Linharinho [1]_Pataro, Bianca_São Mateus-ES_17-01-2014

F-Jongo_Jongo de Santa Bárbara_Dona Miúda [1]_Reis,Guilherme_São Mateus-ES_17-01-2014

F-Jongo_Jongo de Santa Bárbara_Dona Miúda [2]_Reis,Guilherme_São Mateus-ES_17-01-2014

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**ES 01 01 14 F40 02****16. OBSERVAÇÕES****16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

Bem registrado em 2007 pelo IPHAN.

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Sem referência.

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Sem referência.

17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Q40		
PESQUISADOR(ES)	Bianca Pataro Dutra, Guilherme Reis, Raul Lanari, Mariana Gonçalves Moreira		
SUPERVISOR	Mariana Gonçalves Moreira, Bianca Pataro Dutra		
REDATOR	Bianca Pataro Dutra	19/09/2014	
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Ana Carolina Vaz Mariana Gonçalves Moreira		